

Economia digital e os BRICS: perspectivas e tendências

A economia dos Brics na era digital. Conferência e debate com Yushu Liu (Renmin University). **Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI)**, 26 jul. 2022.

Edemilson Paraná

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Por ser um tanto vago, o termo “economia digital” tem sido definido de modos os mais diversos, com significados e usos que, não raro, se contradizem. Por isso, antes de entrarmos em aspectos mais específicos da questão, cumpre começar definindo do que se fala.

O que chamo aqui de economia digital significa a materialização de um conjunto de grandes transformações que se encontram a partir das décadas de 70 e 80 do século passado, com culminância nas primeiras décadas deste século XXI: falo dos desdobramentos da revolução trazida pelas tecnologias da informação e da comunicação (as TICs), no interior de um contexto marcado por reconfiguração e reestruturação industrial-produtiva e, com ela, da ampliação do poder de comando sobre as finanças em relação à produção, no que foi chamado de financeirização. A isso se somaram outras importantes transformações político-institucionais e culturais relativas à neoliberalização da vida pública. É nesse quadro em que uma nova divisão internacional do trabalho vai se constituindo, com a intensificação do processo de transnacionalização econômica que irá expressar na constituição de novas cadeias globais de valor. A emergência dos BRICS na cena global deve enormemente a essas grandes transformações, como sabemos.

Portanto, falar de economia digital – essa dita “nova era” da economia global – focando apenas na emergência de novas tecnologias e processos, sem colocar perspectiva essas dinâmicas estruturais e sua evolução, é contar apenas uma meia verdade.

Entendido isso, podemos passar ao que são, então, as tecnologias da informação e da comunicação e o seu celebrado papel na configuração desta nova fase da economia mundial. A TICs são, com mais intensidade que dispositivos anteriores, tecnologias cognitivas ou tecnologias de cognição. Isso porque atuam na rearticulação das dimensões espaço e tempo, que são centrais para a constituição e orientação cognitiva da experiência individual e social. São tecnologias que, entre outras coisas, descontam espaço no tempo, possibilitando novas formas de aceleração e encurtamento de fluxos, mas também, com isso, a emergência de arranjos sociotécnicos como

redes e plataformas, centradas na crescente codificação de interações humanas em dados e informações binárias. Arranjos que, intensificando o poder de controle e monitoramento, pressionam pela descentralização técnica e desintermediação operacional de quase tudo: do trabalho e da produção, da circulação e do consumo, dos fluxos financeiros e comunicacionais.

Nesta economia, a co-presença informacional e a aceleração dos fluxos que separam de forma cada vez mais encurtada produção, circulação e consumo, fazem encontrar, por toda a parte, a mencionada pressão pela descentralização e desintermediação técnico-operacional com uma crescente concentração econômica e política – nessa que é uma das grandes contradições e um dos maiores desafios desse processo: a tendência à polarização no mercado de trabalho e de oligopolização ampliada da economia de plataformas, marcadas que são pelo “efeito rede” e pela lógica do “winner takes all”.

Evidentemente, são muitas as tensões que emergem deste processo. O aumento das desigualdades e dos conflitos sociais correlatos, a desestruturação do mercado de trabalho e da empregabilidade devido à automação avançada em alguns setores, a privacidade e segurança dos dados, os desafios postos à soberanias tecnológica, fiscal e monetário-financeira dos Estados-nação, as fricções e desencaixes nas cadeias globais de valor, as transformações e contradições da nova esfera pública digitalizada e plataformizada com seus impactos políticos desorganizadores, os conflitos econômicos e geopolíticos que a isso se relacionam, entre outras. Em todos esses desafios, há vários pontos em que os países dos BRICS podem trabalhar juntos para a construção de novas soluções globais, diferentes das quem têm sido apresentadas até aqui. Voltarei a este ponto mais à frente.

Compreendido o quadro sistêmico da chamada economia digital, podemos chegar, mais detidamente, aos ativos estratégicos desse novo paradigma e, com ele, a reflexões mais concretas sobre desafios e oportunidades que apontam para os países dos BRICS. Falo, mais especificamente, da capacidade de processamento computacional, da produção, armazenamento e catalogação de dados em escala exponencial, das tecnologias – sejam hardwares, sejam softwares – de conectividade e da combinação inteligente desses fatores por meio de algoritmos, programas e aplicações. Não menos importante, cumpre destacar, ainda, a ciclópica infraestrutura física que sustenta essa dinâmica: cabos e redes de fibra ótica, antenas, satélites, roteadores, microchips, componentes máqunicos de todo tipo, centros de dados e processamento, fontes de produção de energia, que compõem um grande sistema global de maquinaria, espalhado por distintos níveis,

setores, empresas e países, sem a qual a sociedade global não parece mais ser capaz de funcionar devidamente. Infraestruturas que demonstram, no mais, que mesmo em um mundo supostamente virtual, a dimensão espacial e territorial do poder ainda é central. Em qualquer caso, todos os países dos BRICS, sabemos, estão altamente integrados a essas cadeias, e de maneira bastante sensível.

Em rápida expansão e evolução, esses desenvolvimentos espraiam-se para os campos civil e militar, produtivo, financeiro, do entretenimento e da comunicação, no que alguns passaram a chamar de uma “nova revolução industrial”, na qual as fronteiras entre os mundos online e offline, entre as esferas física, biológica e digital vão se borrando ainda mais. Aqui, junto dos desafios mencionados, abrem-se também importantes espaços de cooperação. Mais imediatamente: na construção de novos arranjos produtivos capacitadores em nível intra e intersetorial, com destaque para investimentos e parcerias em infraestrutura digital; investimentos e intercâmbios em educação, ciência e tecnologia para redes de inovação que se tornam cada vez mais estratégicas. E mais ousadamente, a depender de outros desenvolvimentos no campo diplomático, de redes de colaboração em esforços de construção de soberania digital e tecnológica, bem como novos arranjos monetário-financeiro nos e entre os países dos BRICS. Centrado na importância continuada, e talvez renovada, como estamos vendo, dos Estados-nação, a economia digital abre cenário para a construção de sistemas monetários, financeiros e tributários, além de arranjos de trabalho e produção, alternativos – em distintos níveis e dimensões. Mais do que isso, os desafios acima mencionados parecem reforçar as hipóteses e clamores pela construção de mecanismos outros de governança tributária e monetário-financeira transacionais.

O Brasil tem bastante a contribuir, seja em engenharia aeronáutica, em tecnologias manejo e produção agropecuária, em biotecnologia e bioprospecção, além de contar com um robusto setor de tecnologia bancária e de pagamentos, com técnicos e programadores capacitados em distintas áreas de aplicação e reconhecidos em todo o mundo. Conta, ademais, com um sistema de ciência e tecnologia que, apesar de bastante enfraquecido nos últimos anos, não é desprezível. A China que, junto da Índia, desponta como potência tecnológica global tem muito a contribuir e se beneficiar nesse e em outros campos, com destaque para a inteligência artificial, o desenvolvimento das tecnologias financeiras, a infraestrutura, as telecomunicações, a automação avançada, entre outros.

Essas parcerias estratégicas serão especialmente importantes para o Brasil no próximo ciclo, já que o país tem um hiato significativo a superar nesta dimensão. Apesar de deter a sexta

maior população do mundo e ocupar o posto de 13^a economia do planeta, o país responde pelo quarto maior mercado consumidor do mundo de bens e serviços digitais. Mesmo com um mercado digital tão pujante, nos inserimos nesta dinâmica de modo ainda relativamente subordinado, em sacrifício do adensamento da complexidade econômica que esse novo paradigma pode trazer. O Brasil exporta em grande escala produtos de conteúdo valor agregado para importar bens e serviços de elevado conteúdo tecnológico. Os desenvolvimentos mais importantes neste campo ainda se concentram no setor de serviços e no agropecuário, de modo incremental e com baixa articulação sistêmica, particularmente no tocante ao setor produtivo e com maior potencial de inovação. Encontrar nos BRICS parceiros para reverter essa situação, em distintos campos (com educação e ciência, infraestrutura, modernização tecnológica e produtiva etc.), é um dos chamados fundamentais para construção de sinergias nesta esfera.